

Mulheres em Negritude: Paulette Nardal e Suzanne Césaire¹

Tanella Boni²

Tradução: Sandra Dias Loguercio³

Revisão de tradução: Denise Regina de Sales⁴

Resumo: A partir de dados biográficos e pesquisa documental, a autora traça o retrato de mulheres no movimento francófono da Negritude, dominado por figuras masculinas. Em destaque, neste ensaio, estão as intelectuais Paulette Nardal, tradutora e pensadora da “consciência de raça”, uma das fundadoras do periódico *La revue du monde noir* (1931-1932), e Suzanne Césaire, figura proeminente do periódico *Tropiques* (1941-1945), onde publicou o essencial de sua obra, voltada para o surrealismo a partir da experiência de miscigenação nas Antilhas. Seguindo os rastros do surgimento do conceito de negritude, a autora busca respostas para compreender por que, apesar de suas contribuições intelectuais profícuas, essas e outras mulheres foram eclipsadas por uma genealogia feita no masculino.

Palavras-chave: Genealogia da Negritude; Mulheres em Negritude; Paulette Nardal; Suzanne Césaire; Luta dos Lugares.

Résumé: S'appuyant sur des données biographiques et une recherche documentaire, l'auteure brosse le portrait de femmes du mouvement francophone de la Négritude, dominé par des figures masculines. Dans son essai, elle met en lumière les intellectuelles Paulette Nardal, traductrice et penseuse de la « conscience de race », cofondatrice de *La Revue du monde noir* (1931-1932), et Suzanne Césaire, auteure de premier plan de la revue *Tropiques* (1941-1945), où elle a publié l'essentiel de son œuvre, tournée vers un surréalisme qui explore l'expérience du métissage aux Antilles. En suivant les traces de l'émergence du concept de Négritude, l'auteure cherche à comprendre pourquoi, malgré leurs remarquables contributions, ces femmes ainsi que d'autres intellectuelles furent éclipsées d'une généalogie faite au masculin.⁵

Mots-clés: Généalogie de la Négritude ; Femmes en Négritude ; Paulette Nardal ; Suzanne Césaire ; Lutte des Places.

¹ Tradução autorizada pela autora a partir do artigo original publicado em francês: BONI, Tanella. “Femmes en négritude: Paulette Nardal et Suzanne Césaire”. In: *Rue Descartes*, Négritude et philosophie. Collège International de Philosophie, 2014/4, n. 83, p. 62-76. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-rue-descartes-2014-4-page-62.htm>. Acesso em: 18 set. 2020.

² Escritora, poeta e professora de Filosofia na Universidade Félix Houphouët-Boigny (Abidjan, Costa do Marfim). Seus últimos ensaios foram publicados na obra *Que vivent les femmes d'Afrique*, Paris, Ed. Panama, 2008, reeditada por Ed. Karthala, 2011.

³ Professora do Dep. Línguas Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, UFRGS.

⁴ Professora do Dep. Línguas Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, UFRGS.

⁵ Agradecemos à Marion Catherine Dufour, Professora Visitante do Dep. Línguas Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras (IL, UFRGS), pelos comentários precisos acerca da versão do resumo e da expressão *femmes en Négritude* utilizada pela autora, que dá título a este ensaio.

Introdução

Nas décadas de 1930 e 1940, a cartografia da Negritude não era homogênea. Se as figuras marcantes são conhecidas – a tríade Césaire, Senghor e Damas –, o que se diz da configuração desse movimento francófono? Afinal todo pensamento é uma dinâmica na qual se desenrolam vários dramas, por vezes envolvendo famílias. Quais as personagens eclipsadas pela proximidade com os “pais” e/ou por sua superpotência? Minha questão é sobre a genealogia da Negritude no centro da qual se vê a dominação dos “pais fundadores”.

Alguns dados biográficos, bem como relatos feitos aqui e ali, traçam o retrato de “mulheres em Negritude”⁶: entre outras, Paulette Nardal, pensadora da “consciência de raça”, e Suzanne Césaire, defensora de um surrealismo que explora a experiência específica de mistura e miscigenação nas Antilhas. Poderíamos nos espantar com o silêncio dessas intelectuais após um período muito produtivo em torno de dois periódicos científicos: *La revue du monde noir* (1931-1932), que Paulette Nardal fundou junto com outros colegas, e *Tropiques* (1941-1945), no qual Suzanne Césaire ocupava um lugar de protagonismo e publicou o essencial de sua obra. No entanto, apesar da suposta fraqueza de seus corpos, elas foram, ao longo da vida, resistentes e lutadoras pela causa das mulheres, inclusive do ponto de vista do pensamento literário, artístico e filosófico. Se tanto uma quanto a outra denunciam a assimilação que, entre outras coisas, produz uma literatura e uma poesia de imitação, elas atribuem um lugar importante à parte africana presente na história do Caribe. Essa parte indefinível é ao mesmo tempo biológica, cultural e histórica, para Paulette Nardal; e mais geográfica, estética e cósmica, para Suzanne Césaire, que se aproxima de Leo Frobenius, Alain e André Breton. Seus respectivos papéis intelectuais e sociais – de mediadoras, por exemplo – assim como seus textos, fazem parte das linhas de fuga, mas também dos pontos de convergência entre negritudes, que se opõem ou se entrelaçam umas às outras. Trata-se, assim, de uma dinâmica que nasce de experiências particulares que se articulam em diferentes níveis, tanto práticos quanto teóricos, para construir um “novo humanismo”.

⁶ O título deste artigo evoca aquele do ensaio de Tracy Denean Sharpley-Whiting, *Negritude Women*, University of Minnesota Press, 2002, que eu cito em meu texto. Para mim, a expressão “em Negritude” visa mostrar que as duas autoras tratadas aqui estão entre os pilares esquecidos da rede intelectual da Negritude. [N.A.] Tanto a tradução para o francês quanto para o português abre as possibilidades de significação da expressão de origem: “em Negritude” remetendo a *em estado de*, *em vias de*, *em* [nome de cor], como *em preto e branco*, ou ainda, em francês, *em* [nome de país feminino], como *en France*, entre outras. [N.T.]

1. Uma genealogia no masculino

Os “pais fundadores” são conhecidos. Nos perguntamos, porém, se a Negritude nasce de uma história de família, de amigos, “racial”, social, cultural, filosófica ou política. Seria um acaso três estudantes negros, vindos de lugares diferentes, se encontrarem em Paris na década de 1930 e se tornarem “amigos”? E quanto à palavra “negritude”, teria sido inventada de maneira fortuita em língua francesa por Aimé Césaire? Hoje são muitas as indagações em torno dessas situações particulares vividas pelos/as intelectuais negros e negras, entre os quais pensadoras que expressaram, com suas palavras e sensibilidades, a ideia de uma especificidade aberta ao universal dessa palavra.

O estudo de Sharpley-Whiting, *Negritude Women*, busca compreender como as pioneiras da reflexão sobre a condição negra foram ofuscadas. A autora traça a história do surgimento do conceito de Negritude e a influência do movimento *Harlem Renaissance*, tendo, como eixo da reflexão, o conceito de *New Negro* de Alain Locke, ao passo que, no mundo francófono, a discriminação já se anunciava: o romance de Suzanne Lacascade, *Claire-Solange âme africaine*, publicado em 1924, está longe de ter sido recebido com entusiasmo depois da formidável euforia em torno de *Batouala*, “verdadeiro romance negro”, de René Maran, ganhador do Prêmio Goncourt de 1921. A autora mostra também como o período do entre-guerras era favorável à efervescência cultural voltada aos excessos, ao desconhecido ou ao inesperado. Alguns personagens dos quais não podemos nos esquivar estão lá, em uma Paris artisticamente fecunda, na época em que conviviam poetas surrealistas, pintores, filósofos, escritores e artistas afroamericanos, bem como figuras do espetáculo e da dança “exótica” – como Joséphine Baker, “encarnação inédita e inigualável da feminilidade negra”⁷ – que eram produzidos no teatro Casino de Paris ou na casa noturna Folies Bergères. Se Paris era a capital onde as ideias de encontro e de contato se espalhavam pelos salões, cafês e outros espaços de debate e de lazer (tais como os “bailes negros”), os afroamericanos, antilhanos e africanos, inicialmente desconfiados uns dos outros, descobrem seu pertencimento comum a uma “raça”, que não deixa de ter, no entanto, diferenças culturais consideráveis.

Mesmo que Paulette Nardal (1896-1985), nascida na Martinica, primogênita de sete irmãs – das quais duas (Jane e Andrée Nardal) tinham participado ativamente dos debates em torno da Negritude antes da década de 1930, especialmente em *La Dépêche africaine* –, tenha

⁷ ACHILLE, Louis Thomas. Préface. In : *La Revue du monde noir, 1931-1932*, collection complète, n. 1 à 6, editada em 1992, em Paris, por Jean-Michel Place. Disponível no site da BNF, Gallica, p. XIII.

a princípio se beneficiado do “direito de primogenitura”, seus esforços intelectuais, por outro lado, foram enfraquecidos com a extinção do periódico *La Revue du monde noir*, que ela havia ajudado a criar em 1931. Não por acaso, três anos depois, a invenção do conceito de Negritude por parte de Aimé Césaire parece ter orientado os olhares para aqueles que tinham novas maneiras de levantar questões e problematizar.

A configuração da Negritude indica a que ponto outras variáveis, sutis e subterrâneas, que não estão ligadas nem à “raça”, nem ao gênero, nem à classe social – talvez a essa dominação aceita e consentida que é a autoridade –, entram em questão. Sharpley-Whiting mostra que o artigo de Jane Nardal sobre o “o Internacionalismo negro”, publicado na revista *La Dépêche africaine*, em 1928, forja o neologismo “afrolatino” para designar a dupla experiência vivida pelos francófonos conscientes de ter uma identidade oriunda dessas línguas e culturas. Porém, Jane Nardal, que era igualmente poeta e música, tampouco se torna conhecida, por ter reduzido a um vocábulo o essencial de seu pensamento. Esse texto, fundador no sentido da tomada de consciência da aproximação das identidades negras e “mestiças”, poderia ser uma das fontes para Aimé Césaire, Léopold Senghor e Paulette Nardal construírem a ideia de “consciência de raça”⁸. O ofuscamento não se deve, portanto, a um esquema binário, em que a dominação seria sempre dos homens e a discriminação o fardo das mulheres. Desse ponto de vista, a bela sororidade das irmãs Nardal não é tão simples.

Em compensação, entre os autores que constroem a ideia de uma genealogia masculina da Negritude, poderíamos citar o próprio Aimé Césaire. Em seu *Discours sur la Négritude*, pronunciado em 26 de fevereiro de 1987, na Universidade Internacional da Flórida (Miami), ele afirma: “admito nem sempre gostar da palavra “negritude”, mesmo que tenha sido eu, com a cumplicidade de alguns outros, que tenha contribuído para inventá-la e lançá-la”⁹. Quando cita, entre parênteses, os fundadores da Negritude¹⁰ e aqueles que seguiram seu rastro, nenhum nome de mulher figura em sua lista. A respeito da “Negritude americana” que antecedeu a Negritude francófona, as palavras de Césaire são igualmente significativas do esquecimento do gênero:

Homens como Langston Hughes, Claude McKay, Countee Cullen, Sterling Brown, aos quais vieram se juntar outros, como Richard Wright, para citar

⁸ SHARPLEY-WHITING, Tracy Denean. *Negritude Women*, op. cit., p. 18.

⁹ CÉSAIRE, Aimé. *Discours sur le colonialisme suivi de Discours sur la Négritude*, Paris, Éditions Présence Africaine, 2004, p. 80.

¹⁰ “(na época, Léopold Senghor, Léon Damas, eu mesmo, depois Alioune Diop e nossos parceiros da revista *Présence Africaine*)”, op.cit., p. 80.

alguns... Pois até onde se sabe, ou melhor, até onde se lembre, foi aqui, nos Estados Unidos, entre vocês, que nasceu a Negritude.¹¹

Esperaríamos outros nomes, especialmente os de Paulette, Jane e Andrée Nardal, autoras, tradutoras e músicas martiniquenses. Esperaríamos talvez o nome de Nancy Cunard, inglesa que vivia na França desde 1920, que havia publicado, em 1934, uma famosa antologia dos escritores, poetas e pensadores negros, *Negro: an Anthologie*. Esperaríamos sobretudo o nome de Suzanne Roussi Césaire, com quem Aimé Césaire tinha se casado em Paris, em julho de 1937¹², e que, entre 1941 e 1945, publicou o essencial de sua obra na revista *Tropiques*. Mais tarde, em torno de *Présence Africaine*, outras mulheres – como Christiane Yandé Diop, esposa de Alioune Diop – não deixaram de ter participação ativa na exaltante e difícil aventura da Negritude, encabeçando uma empreitada intelectual e familiar: uma revista e uma editora, fundadas em Paris, em 1947 e 1949, respectivamente.

Essas passadoras de ideias, criadoras de passarelas e mediadoras que, social e intelectualmente, promovem a aproximação entre três ou quatro continentes, são mulheres que têm em comum outros *status*. Paulette, Jane e Andrée Nardal, e na sequência Suzanne Césaire, escrevem para essas revistas que são instrumentos eficazes de difusão do pensamento; instrumentos frágeis certamente, já que, por questões econômicas ou políticas, são, a todo instante, ameaçadas de extinção. No entanto, apesar do trabalho de organização, de reflexão e de tradução¹³ que elas realizam, a história das ideias só retém a genealogia masculina da Negritude. O que aconteceu? Elas escrevem, elas pensam, mas são ouvidas? Por serem mulheres e negras ou “de cor”, estão, de saída, dupla ou triplamente fora do jogo? Uma das razões do ofuscamento mencionado, com razão, por Sharpley-Whiting, me parece propriamente filosófico¹⁴: a invenção do conceito de Negritude, “uma palavra de uso e de manejo difíceis”¹⁵.

Se as revistas culturais¹⁶, que publicavam análises contrastivas, às vezes surrealistas ou marxistas, constituem os meios de difusão do pensamento, o trabalho com o conceito e sua

¹¹ CÉSAIRE, Aimé, *op. cit.*, p. 88.

¹² CÉSAIRE, Suzanne. *Le Grand Camouflage, Écrits de dissidence*. Paris, Éditions du Seuil, 2009, introduction de Daniel Maximin, *op. cit.*, p. 9.

¹³ Paulette Nardal, primeira antilhana a ter estudado inglês na Sorbonne, traduzia os artigos do periódico *La Revue du monde noir*. Ao que tudo indica, as reuniões em Clamart, subúrbio parisiense, aconteciam também em inglês.

¹⁴ Mesmo que, depois, Aimé Césaire venha a dizer: “A Negritude, no meu entender, não é uma filosofia. A Negritude não é uma metafísica. A Negritude não é uma pretensiosa concepção do universo.”, *Discours sur la Négritude, op. cit.*, p. 82.

¹⁵ CÉSAIRE, Aimé. *Discours sur le colonialisme, suivi du Discours sur la Négritude, op.cit.*, p. 82.

¹⁶ Antes de *L'Étudiant noir* (1935), revista na qual se encontram os textos “fundadores” de A.Césaire e Senghor, Sharpley-Whiting cita (*Negritude Women*, introdução, *op. cit.*, p. 6) dois romances (*Batouala, Véritable roman*

fabricação a partir de um terreno favorável não aparecem. Nesse sentido, de acordo com Deleuze e Guattari,

[...] seguindo o veredito nietzschiano, você não conhecerá nada através de conceitos se você não os tiver criado antes, isto é, os construído por meio de uma intuição que lhes é própria: um campo, um plano, um terreno, que não se confunde com eles, mas que abriga suas sementes e os personagens que os cultivam.¹⁷

O momento propriamente filosófico na genealogia da Negritude é, pois, aquele anterior ao aparecimento, aqui e ali, de nomes de filósofos nos escritos de Aimé Césaire e sobretudo nos ensaios de Senghor. Depois da criação do conceito, os fundadores desenvolvem projetos literários (poesia, conto, teatro, ensaios etc.) e, como se sabe, os primeiros críticos que abrem a via da realeza para esses textos são os prefaciadores: poetas, romancistas e filósofos franceses¹⁸.

Assim, as condições da invenção e da difusão do conceito eram favoráveis: as experiências eram documentadas e debatidas, as ideias circulavam e personalidades intelectuais em Paris se interessavam por essas novas produções do ser-no-mundo. Dessa forma, a tríade A. Césaire, Damas e Senghor encontrou seu lugar no tabuleiro de xadrez do pensamento não apenas francófono, mas mundial, aproveitando as oportunidades ou as criando, ou ainda mexendo com a ordem estabelecida na França colonial. Não esqueçamos que a batalha da Negritude foi também política¹⁹.

nègre, de René Maran, ganhador do Prêmio Goncourt de 1921, e *Claire-Solange, âme africaine*, 1924, de Suzanne Lacascade) e os seguintes periódicos: *La Dépêche coloniale* (1922), *Les Continents* (1924-1926), *Le Paria* (1926), *Le Libéré* (1923-1925), *La Voix des nègres* (1926-1927), *La Race nègre* (1927-1986), *La Dépêche africaine* (1928-1932), *La Revue du monde noir* (1931-1932), *Le Cri des nègres* (1931-1935), *Légitime Défense* (1932).

¹⁷ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Qu'est-ce que la philosophie ?* Paris, Éditions de Minuit, 1991 (edição consultada: *Collection Reprise*, 2005, p. 12).

¹⁸ A primeira edição de *Pigments*, poemas de Léon-Gontran Damas, foi prefaciada por Robert Desnos. Breton prefaciou A. Césaire; Sartre, a coletânea *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française* de Senghor, em 1948. O prefácio de Sartre tinha um título eloquente, *Orphée noir* [Orfeu Negro], o que contribuiu para tornar Senghor e os poetas da Antologia conhecidos.

¹⁹ Em um primeiro sentido, trata-se de uma das características da atitude vital que eu chamo de “luta dos lugares” que acontece entre “iguais” ou “amigos”, em que se aproveita da amizade e das ideias para toda e qualquer finalidade útil. Se essa atitude - esse poder - é política, ela ajuda a aumentar o capital intelectual, científico ou artístico; permite extrapolar a comunidade. Política também em um segundo sentido, mais conhecido, pois se refere à gestão pública. Será coincidência que Senghor e A. Césaire foram dois grandes políticos do século XX?

2. Paulette Nardal: a pensadora da “consciência de raça”

De um ponto de vista prático, e porque eram irmãs solidárias, o nome Nardal aparece unificado, mesmo que cada uma delas desenvolvesse seu próprio pensamento. Não existia apenas uma única organizadora do salão artístico e literário, aos domingos, na cidade de Clamart, na rua Hébert, nº 7, onde elas moravam:

Muito rapidamente a vida de família retoma seu curso sob a tutela vigilante da jornalista Paulette, ajudada por competentes domésticas do bairro. Aos domingos as antilhanas eram atraídas para lá, sendo tão bem acolhidas que se justificava o deslocamento de Paris²⁰.

Esse salão se caracterizava por sua abertura para o mundo e se apresentava, acima de tudo, como um lugar de encontros e de diálogos. Louis Thomas Achille, que frequentou esse salão “acolhedor e amigável”, autor do prefácio, em 1922, da edição em um volume da *Revue du monde noir*, diz que “As irmãs Nardal reuniam, em Clamart, cidade próxima a Paris, descendentes de africanos levados para o novo mundo e dispersados em meia dúzia de bandeiras nacionais europeias; elas os apresentavam a verdadeiros africanos, colonizados mais recentemente”²¹. O mais importante estava ali: o salão das irmãs Nardal fazia a ponte entre aqueles que não podiam, espontaneamente, se encontrar com suas “raízes” africanas, restando-lhes a opção de se dizerem “pretos”. Tratava-se também de estimular a criatividade dos estudantes. Aimé Césaire afirma no final da vida:

Duas martiniquenses, as irmãs Nardal, mantinham então um grande salão. Senghor o frequentava regularmente. Já eu não gostava muito de salões – mas não os desprezava –, e estive neste uma ou duas vezes, sem me demorar muito.²²

Aimé Césaire não ignorava o que acontecia ali: esse salão organizado por mulheres martiniquenses – conscientes de sua herança negra – e aberto a todos, era o cenário ideal para a realização de traduções e transmissão de ideias. Aprendia-se ali a conviver com pessoas parecidas consigo e, ao mesmo tempo, muito diferentes, pela língua, pela cultura e pela experiência de vida. Janet Vaillant, na biografia que faz de Senghor, destaca, entretanto, o apartamento dos Achille, situado no *Quartier Latin* em Paris, como lugar de todos os

²⁰ ACHILLE, Louis Thomas. *La Revue du monde noir, Préface*, op. cit., p. XV.

²¹ ACHILLE, Louis Thomas. *La Revue du monde noir, Préface*, op. cit., p. IX.

²² CÉSAIRE, Aimé. *Nègre je suis, Nègre je resterai*, Entretiens avec Françoise Vergès. Paris, Éditions Albin Michel, 2005, p. 25.

encontros, passagem obrigatória para os afroamericanos. O salão de Clamart é visto como um lugar de “reuniões mais informais”²³ e Paulette Nardal, que era bilíngue, apresentada como a acompanhante ideal de algumas grandes figuras literárias, artísticas ou acadêmicas afroamericanas em visita a Paris. Felizmente, logo adiante em seu texto, ele faz menção à importância de sua reflexão em *Éveil de la conscience de race*, artigo publicado no último número da *Revue du monde noir*, em 1932. Dessa forma, o salão foi a prefiguração, depois o lugar onde se dava continuidade aos debates dessa revista²⁴, cuja importância, na gênese da Negritude, dispensa comentários²⁵.

Em *Éveil de la conscience de race* – “o despertar da consciência de raça” –, em que compara as situações dos afroamericanos e dos antilhanos, Paulette Nardal justifica o despertar que ela defende e, depois de apresentar elementos de biografia intelectual para sustentar sua reflexão, conclui claramente: dar aos negros e às negras o orgulho de ser negro/a. Seus argumentos evidenciam um esquema ternário, que vai da assimilação à consciência de si, passando por uma fase de revolta. Alguma coisa havia mudado na atitude dos antilhanos a respeito das questões de “raça”: “Azar daquele que ousava abordá-la: não se podia falar de escravidão, nem proclamar o orgulho de ser descendente de negros africanos sem parecer exaltado ou, no mínimo, original”²⁶, ela diz. Se o desenraizamento, sentido por alguns longe de sua “pequena pátria”, tem razão de ser, a Exposição Colonial de 1931 parece ter sido o acontecimento favorável a essa tomada de “consciência de raça”. Mas o que é o desenraizamento? Ele se manifesta de diferentes maneiras, conforme a situação vivida. Assim a relação com o opressor, cujo olhar atribui ao negro um lugar diferente, inferior e insignificante, faz parte da experiência traumatizante da fragmentação de seu ser – um ser, antes de tudo, cultural. Duas atitudes são então possíveis: tentar ser você mesmo, apesar da desumanidade de suas condições de vida, ou viver em um esquecimento de si mesmo e se confundir com o opressor, reproduzir seus tiques, inclusive os de linguagem, de vestimenta, ou suas “boas maneiras”²⁷. Aqui Paulette Nardal insiste na diferença das políticas de

²³ VAILLANT, Janet G. *Vie de Léopold Sédar Senghor, Noir, Français et Africain*. Paris, Éditions Karthala-Sephis, trad. française, 2006, p. 124.

²⁴ Revista mensal bilíngue – francês/inglês – que deixa de ser publicada em 1932, depois de 6 números. O comitê editorial, “multirracial”, é composto por: Paulette e Jane Nardal, Léo Sajous, Clara Shepard e Louis-Jean Finot. Paulette Nardal era a responsável pelo secretariado, pela tradução e pelo trabalho de edição dos textos.

²⁵ Ver, entre outros, DEWITTE, Philippe. *Les Mouvements nègres en France, 1919-1939*. Paris, Éditions l’Harmattan, 1985.

²⁶ NARDAL, Paulette, « Éveil de la conscience de race ». In: *La Revue du monde noir*, Édition Jean-Michel Place, 1992, p. 343.

²⁷ A assimilação é uma questão de várias camadas, ao mesmo tempo política, moral, psicológica e psicanalítica, literária e social. O poema *Hoquet* de Damas, publicado em 1937, na obra *Pigments*, evoca isso profundamente;

integração dos “povos de cor”. Na França, uma política de assimilação tende a fazer do negro, em pouco tempo, “um verdadeiro francês”. A questão é: acomodar-se ou buscar construir uma história cultural que valorize a contribuição da África, mesmo que, oriundos do encontro de duas “raças”, preta e branca, os antilhanos estejam “imbuídos de uma cultura latina”? Nos Estados Unidos, o “desprezo sistemático” demonstrado pela América branca em relação aos negros, diz Paulette Nardal, “os fez buscar, de um ponto de vista histórico, cultural e social, motivos de orgulho no passado da raça negra”²⁸. Ela lembra, assim, os três períodos literários que correspondem aos três momentos da experiência existencial que ela evoca. À adaptação dos negros na América do Norte corresponde uma literatura de imitação dos modelos brancos, com exceção de alguns relatos de escravos em “dialeto afroamericano”. O período de luta antiescravista dá origem a uma literatura de protesto, que privilegia o gênero oratório. Depois, em 1880, duas tendências opostas aparecem: a do “realismo social”, representada por Dunbar, poeta e romancista, cujo estilo é marcado por uma mistura de gêneros, e a de W.E.B Du Bois, que dá continuidade, de certo ponto de vista, à literatura de protesto através da reivindicação de direitos civis e morais para a população negra. Quanto à literatura da época, ela começa em 1912. Paulette Nardal cita então alguns poetas que contribuem, com seus poemas, para a vitalização da revista, como Claude McKay ou Langston Hughes. No que diz respeito especificamente à literatura antilhana, ela identifica igualmente três períodos e lembra a importância dos antilhanos, após 1914, para a literatura de combate e a influência, entre outros, de Marcus Garvey. Ela não esquece nem a euforia produzida por *Batouala*, de René Maran, em 1921, nem o papel desempenhado pelas revistas.

É interessante notar que Paulette Nardal situa a *Revue du monde noir* na esteira de *La Dépêche africaine*, em que ela e sua irmã Jane haviam publicado. Antes de concluir, ela revisita seu próprio percurso intelectual que, longe de ser individual, é pensado no feminino:

As mulheres de cor, ao viverem sozinhas na metrópole em condições mais precárias até a Exposição colonial do que seus congêneres masculinos, que obtinham sucesso mais facilmente, sentiram, muito antes deles, a necessidade de uma solidariedade racial, que não seria somente de ordem material. Foi assim que elas despertaram para a consciência de raça.²⁹

Essa passagem, que diz muito das relações de gênero entre os/as intelectuais negros e negras, expressa, em outras palavras, o que Paulette Nardal afirmará mais tarde: “Aimé

Aimé Césaire fala disso também, assim como Suzanne Césaire aborda a questão, e também Frantz Fanon, em *Peaux noires, masques blancs*, publicado em 1952.

²⁸ NARDAL, Paulette, *op.cit.*, p. 344.

²⁹ NARDAL, Paulette, *op. cit.*, p. 347.

Césaire e Senghor retomaram as ideias que nós tínhamos lançado e as expressaram com muito mais firula, nós éramos apenas mulheres! Nós criamos o caminho das pedras para os homens”³⁰.

3. Suzanne Césaire: negritude e/ou surrealismo?

Se Paulette Nardal organiza um salão com suas irmãs e se interessa pelo “despertar da consciência de raça” antes da criação do conceito de Negritude, em Paris, Suzanne Césaire, por sua vez, começa a escrever uns dez anos depois, na revista *Tropiques*, na Martinica, em plena guerra mundial, sob o regime de Vichy. Ela era professora no colégio Victor-Schoelcher de Fort-de-France, e alguns alunos, que se tornaram escritores e pensadores famosos, como Frantz Fanon e Édouard Glissant, a teriam conhecido naquela época.

Em Suzanne Césaire, o pensamento e o engajamento cultural – que é também ato político – se fundem. De fato, participar ativamente da revista, organizá-la materialmente e contribuir com frequência, apesar da censura³¹, é dar prova de resistência, é entrar em “dissidência”, correndo todos os riscos. No entanto, nos perguntamos se ela era visível e se seus textos eram lidos. Daniel Maximin, que os reeditou, em 2009, em um único volume, afirma:

Como toda estrela cadente, pouquíssimas pessoas a encontraram. Mas todos aqueles e aquelas que a conheceram são unânimes em reconhecer a importância capital que ela teve para toda uma geração, da qual foi a porta-bandeira, uma inspiração maior e a mediadora das discussões mais profundas.³²

Seu *status* de mãe de família e de esposa de Aimé Césaire não passava despercebido, bem como sua beleza física e interior, mesmo que sua independência intelectual tenha sido dificultada pela proximidade do esposo ilustre. É possível viver ao lado do outro, lhe dar coragem para continuar em detrimento de sua própria produção intelectual e de suas ideias? Entre 1939 e 1945, ela acompanha de modo privilegiado a escrita das diferentes versões de *Cahier d'un retour au pays natal*, obra poética do marido.

³⁰ Trecho de uma carta de Paulette Nardal enviada, em 1960, a Jacques Louis Hymans, biógrafo de Senghor. Citado por Sharpley-Whiting, *Negritude Women*, op. cit., p. 17.

³¹ Em 1943, foi dada uma ordem política que interditava a revista, publicada, todavia, até 1945.

³² MAXIMIN, Daniel. *Préface à Le Grand Camouflage* de Suzanne Césaire, op. cit., p. 17.

E foi ela que, sem dúvida, com toda a potência do amor compartilhado, nessas duas grandes etapas de sua vida poética, lhe fez compreender que ele podia ousar sem jamais temer criar, que ele devia ousar como canibal de seu eu mais profundo.³³

De todo modo, quando Suzanne e Aimé Césaire encontram André Breton, que estava de passagem pela Martinica em 1941, ela ficará marcada para sempre. Assim como Breton. Ele, porém, se tornará o prefaciador de Aimé Césaire, ao passo que ela se contentará em explorar, na escrita, os problemas de seu mundo. Ela parecia já ter encontrado alguns autores que lhe falavam profundamente: o etnólogo e africanista alemão Léo Frobenius e o filósofo francês Émile-Auguste Chartier, de pseudônimo Alain, que foi provavelmente seu professor. Os sete artigos que ela publicou na revista *Tropiques* abordam esses encontros decisivos. Quais são, portanto, os contornos desse pensamento construído no dia a dia, em plena guerra, longe da metrópole?

No artigo *Leo Frobenius et le problème de la civilisation*, publicado em abril de 1941, Suzane Césaire se interessa pela *paideuma*, força imprevisível e profunda:

[...] aquele realmente consciente de sua eminente dignidade é capaz de apreendê-la, não diretamente, pois seu universo secreto é tão impenetrável quanto o universo da própria força vital, mas indiretamente, em suas diversas manifestações por meio humano.³⁴

Esse conceito de *paideuma*, que remete a uma realidade indeterminada, mais sentida do que pensada – a apreensão do essencial que, como uma força, jaz no nível mais profundo de tudo que é vivo, como as civilizações e as culturas – marcará o casal Suzanne e Aimé Césaire, mas também seu amigo Senghor, que citará com frequência Frobenius, cujo livro *Histoire de la Civilisation africaine* lhe foi dado por Aimé Césaire³⁵. Trata-se de culturas, do espírito das civilizações? Poderíamos criticar de imediato o mundo “essencialista” ou “substancialista” para o qual ela parece nos levar; porém, chegando mais perto, não é somente Frobenius que ouvimos, mas também Bergson e, provavelmente, Teilhard de Chardin, teólogo, filósofo e paleontólogo francês. Senghor, em seus ensaios, destaca essa filiação, uma vez que o ser humano, como “instrumento” da *paideuma*, deve abraçar o futuro humano, “seguir a escola de

³³ MAXIMIN, Daniel., *op. cit.*, p. 21.

³⁴ CÉSAIRE, Suzanne. *Le Grand Camouflage, Écrits de dissidence (1941-1945)*, edição organizada por Daniel Maximin, Paris, Éditions du Seuil, 2009, p. 30.

³⁵ “[...] o exemplar de Senghor traz a data de dezembro de 1936 escrita à mão por A. Césaire. Eles estavam tão entusiasmados com o que Frobenius tinha a dizer que decoravam passagens inteiras.” (VAILLANT, Janet, *op. cit.*, p. 160).

todos os outros homens, de todos os tempos”³⁶. Nietzsche fazia parte provavelmente do segundo plano desse pensamento que estava em elaboração em oposição à fragmentação de si e ao confinamento, entre outras violências seculares; assim como Rimbaud, o poeta vidente, e talvez também algum romântico alemão que acreditava no encantamento do mundo. Dessa forma, as analogias, as interferências e reminiscências, o que compara e lembra ou retorna está no âmago desse pensamento sobre o mundo e o ser humano.

Pensando com Frobenius, parece claro, para Suzanne Césaire, que não há uma Civilização conquistadora que domina todas as outras, mas uma multiplicidade de civilizações, e que cada uma possui um espírito, uma mentalidade, uma vida. O cerne de seu pensamento, que ela expressa de diversas maneiras nos sete artigos que compõem esse livro, me parece, porém, estar posto ao final: “agora é urgente ousar conhecer a si mesmo, ousar admitir o que se é, ousar se indagar o que se quer ser. Aqui, também as pessoas nascem, vivem e morrem. Aqui, também se vive o drama inteiro.”³⁷ É em nome desse “conhecimento de si mesmo” que ela critica severamente o tal *doudouisme*³⁸ de John-Antoine Nau e toda poesia imitativa “exótica”³⁹. O surrealismo de André Breton – que, a seus olhos, era “o mais autêntico poeta francês”⁴⁰ da época –, foi escolhido como método, máquina de guerra para enfrentar as taras da sociedade martiniquense. Ora, conhecer a si mesmo não seria se tornar “vidente”? Trata-se, com efeito, de ver com clareza no mundo, que é história e geografia, mas também vulcão e ciclone, mundo cósmico. Com certeza, a clareza desse mundo está longe de ser aquela da razão cartesiana; ela é transbordamento, é intuição da África transplantada para terras inesperadas, no coração de uma rede em que tudo parece estar conectado na noite tropical:

Os gritos clamam com voz rouca e de largo alcance que a África está aqui, presente, que ela espera, imensamente virgem, apesar da colonização turbulenta, devoradora, dos brancos. E nesses rostos, constantemente banhados com os eflúvios marinhos próximos das ilhas, nessas terras limitadas, pequenas, cercadas de água, como grandes fossos intransponíveis, bate o vento forte vindo de um continente. África-Antilhas: graças aos tambores, a saudade dos espaços terrestres vive nesses corações de insulares. Quem preencherá essa saudade?⁴¹

³⁶ CÉSAIRE, Suzanne, *Le Grand Camouflage*, op. cit., p. 31.

³⁷ *Ibid.*, p. 40.

³⁸ Termo originário da palavra *doudou* que, em francês antilhano, designa a mulher jovem, amada, e que, ao mesmo tempo, leva o homem à perdição. A literatura classificada de *doudouiste* mimetizava a literatura de viagem praticada na França, reproduzindo estereótipos metropolitanos sobre as ilhas colonizadas. [N.T.]

³⁹ *Ibid.*, p. 63-66.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 61.

⁴¹ *Ibid.*, p. 93.

Esse texto já antecipava provavelmente, por seu ritmo, a escrita de Édouard Glissant no último quarto do século XX e no início do século XXI. Esse texto, *Le Grand Camouflage*, é escrito magnificamente, de forma poética, por Suzanne Césaire, e nele se ouve pela última vez sua voz, antes que ela coloque a máscara do silêncio.

Conclusão

A Negritude é muito mais um conjunto de perguntas do que uma série de respostas que diz respeito a “uma soma de experiências vividas que acabaram por definir e caracterizar uma das formas do destino humano tal como a história o construiu”, como dizia Aimé Césaire⁴², ou, de acordo com Senghor, “a totalidade dos valores culturais do mundo negro, tais como expressados na vida, nas instituições e nas obras do povo negro”⁴³. Depois de mostrar como os periódicos científicos foram, para Paulette Nardal e Suzanne Césaire, um formidável instrumento de expressão e de resistência a todas as formas de opressão, é preciso ainda que eu fale de um detalhe muito importante.

A beleza desses corpos femininos era objeto de admiração⁴⁴ ou de inspiração poética. Os discursos – inclusive poéticos – sobre o corpo feminino e a “feminilidade” sempre me chocaram pela retórica sobre a beleza física ou interior em contraste com a fragilidade do corpo feminino, suas doenças⁴⁵ ou os acidentes que sofreram. Não por acaso, o corpo de Suzanne Césaire é visto como belo, “doente” e reprodutor – como se a maternidade fosse uma operação de salvamento!⁴⁶ Assim como Paulette Nardal, salva de um afogamento durante a Segunda Guerra que a deixou com deficiência locomotora, em 1939, quando voltava de uma viagem à Martinica, exatamente quando o conceito de Negritude ganhava força. Depois elas

⁴² CÉSAIRE, Aimé. *Discours sur le colonialisme suivi de Discours sur la Négritude*, Paris, Éditions Présence Africaine, 2004, p. 81.

⁴³ SENGHOR, Léopold Sédar. “Introduction”, In: *Liberté I, Négritude et humanisme*, Paris, Éditions du Seuil, 1964, p. 9.

⁴⁴ “Em Paris, as pessoas se viravam para elas quando passavam, conscientes de terem cruzado com indivíduos excepcionais [...]”, afirma Louis Thomas Achille sobre as irmãs Nardal no Prefácio da edição completa de *La Revue du monde noir*, Paris, Éditions Jean-Michel Place, 1992, p. XVI. E sobre Suzanne Césaire, Daniel Maximin escreve: “Um corpo propício a erupções férteis, mas devorado por um inferno interno, pela pleurisia grave que a havia afetado naquele ano, salva por uma quarta gravidez regeneradora, de acordo com seu médico [...]”, *Le Grand Camouflage*, introduction, *op cit.*, p. 8.

⁴⁵ Sobre a questão do corpo frágil ou doente, ver, entre outros, os trabalhos de Elsa Dorlin acerca do *Black feminism*, mas também *La matrice de la race. Généalogie sexuelle et coloniale de la Nation française*. Paris, Éditions La Découverte, 2006.

⁴⁶ CÉSAIRE, Suzanne. *Le Grand Camouflage*, Introduction, *op cit.*, p. 8-9.

se calam⁴⁷ e seus textos ficam confinados em arquivos, enquanto as ideias literárias, filosóficas e políticas dos “fundadores” brilham sem fim.

Dessa forma, uma cartografia voltada às origens da Negritude mostra como há violências em jogo, insidiosas porque silenciosas, inaudíveis ou quase, o que torna a “questão negra” ainda mais complexa. No entanto, entre sororidade – aquela das irmãs Nardal – e solidariedade de “raça” entre pensadoras e pensadores, me parece que as “esquecidas” da Negritude não o são apenas por serem mulheres, negras ou “de cor”, mas também em razão do que, no campo dos saberes, eu chamo de *luta dos lugares*. Essa *luta*, na “negritude”⁴⁸, é uma história sem fim, que se repete a cada estação: as “filosofias africanas”⁴⁹, quando são levadas em conta⁵⁰, ainda são analisadas, de maneira geral, no masculino.

⁴⁷ Parece haver, no caso de ambas, textos perdidos ou não editados.

⁴⁸ Escrevo com *N* maiúsculo a Negritude historicamente situada e chamo aqui de “negritude” no singular, com *n* minúsculo, os discursos filosóficos e/ou interdisciplinares nos quais se aborda, entre outras, a “questão negra”, cujos contornos ainda devem ser definidos.

⁴⁹ Como atestam o ensaio de Séverine Kodjo-Grandvaux. *Philosophies africaines*. Paris, Éditions Présence Africaine, 2013; e também o número 771-772 da revista *Critique*, “Philosopher en Afrique”, dirigido por Souleymane Bachir Diagne, 2011.

⁵⁰ São classificadas, na França, à margem da filosofia, em algum lugar “de fora” hipotético.